

MULHERES NEGRAS E ALTERIDADES HISTÓRICAS: *MÚSICAS E PERFORMANCES NO CULTO DA JUREMA (OLINDA, PE)*

Laila Rosa¹

O presente trabalho pretende discutir sobre mulheres e entidades femininas do culto da jurema: as mulheres *juremeiras* e sua atuação religiosa e musical enquanto lideranças religiosas majoritariamente negras e afro-indígenas num terreiro de culto aos orixás em Olinda, PE; os repertórios musicais e performances das entidades religiosas femininas enquanto representações de feminino no culto que, por sua vez, empoderam as primeiras e também delineiam políticas sexuais.

Dialogarei com o discurso da alteridade enquanto o discurso da diferença para discutir sobre as mulheres *juremeiras* e performances e repertórios musicais das entidades femininas como representações de feminino. Conforme SEGATO (2002, p. 115), “alteridades históricas” representam grupos sociais com lugares de poder e não poder específicos, muitas vezes invisibilizados enquanto sujeitos pelo discurso homogenizador de globalização. CANCLINI (2005, p. 16) nos alerta que para fugir das armadilhas da homogeneização, é muito importante encontrar caminhos: “não só como reconhecer as *diferenças*. Como corrigir as *desigualdades* e como *conectar* as maiorias às redes globalizadas”.

A diferença, por outro lado, não pode ser concebida como uma essência orgânica homogênea a ser classificada em termos de identidade fixa e pura: “seria, pois, mais correto falar de ‘locais’, no plural. Cada lugar é uma entidade particular, uma descontinuidade espacial” (ORTIZ, 1996, p. 58). Logo, deve-se atentar para as possibilidades de diversidade e de transversalidade, onde “não existe uma oposição imanente entre local/nacional/mundial. Percebemos isso quando falamos do cotidiano. (...) Tanto o nacional como o mundial só podem existir quando resultam em vivências” (idem, p. 59 e 63). Neste sentido, tanto a percepção, quanto o discurso sobre global e local deve considerar diálogos e conflitos que situam sujeitos, falas e práticas cotidianas que ocupam lugares diferenciados e muitas vezes, desiguais, quando avaliados

¹ Doutoranda em etnomusicologia (UFBA). Email: lailarosamusica@yahoo.com.br

a partir de recortes de raça e etnia, gênero, classe, etc (SEGATO, 2002, p. 115).

Falar sobre alteridade não é somente localizar poderes e desigualdades, mas, principalmente, buscar saídas específicas para transformar esta realidade de desigualdade, com um olhar histórico crítico e uma ação política pontual (SEGATO, 2002, p. 110). É seguindo por esse caminho de consciência das “alteridades históricas” que abordo aqui um pouco da história do terreiro de nação Xambá – o *Ilê Axé Oyá Meguê*, situando-o enquanto comunidade religiosa negra que sofreu com perseguições policiais nos tempos do Estado Novo (1937-1945), tendo mulheres negras como importantes lideranças religiosas, políticas e culturais. Desde a fundação do terreiro, estas mulheres lutaram através de um misto de negociações, clandestinidade e saídas políticas e culturais criativas para construir uma história de resistência feminina negra através da religião, sendo o culto da jurema um desses caminhos até os dias de hoje. Este foi fundado em 1930 por uma mulher negra filha de Iansã: Maria das Dores da Silva, a Maria Oyá. Em 2006 o terreiro Xambá, como é conhecido, foi tombado pela Fundação Palmares como 3º Quilombo Urbano do Nordeste.

O racismo institucional sob preceitos eurocêntricos assimilacionistas foi o que em grande parte fundamentou as perseguições aos cultos de matrizes africanas e indígenas, do qual o terreiro Xambá também foi vítima. Segundo MUNANGA (2004, p. 109):

O modelo sincrético, não democrático, construído pela pressão política e psicológica exercida pela elite dirigente, foi assimilacionista. Ele tentou assimilar as diversas identidades existentes na identidade nacional em construção, hegemonicamente pensada numa visão eurocêntrica. Embora houvesse uma resistência cultural tanto dos povos indígenas como dos alienígenas que aqui vieram ou foram trazidos pela força, suas identidades foram inibidas de manifestar-se em oposição à chamada cultura nacional. (MUNANGA, 2004, p. 109).

No entanto, enquanto o culto aos orixás, sobretudo de nação Ketu, passou a conquistar grande prestígio enquanto representação de pureza africana, sobretudo na Bahia, o culto da jurema, por outro lado, foi e ainda hoje é invisibilizado e estigmatizado em relação ao culto aos orixás, como um culto menos “elevado” e “mais prático”. Por outro lado, este é um culto que possui

muitas(os) adeptas e é considerado um caminho espiritual fundamental para lidar com questões cotidianas do corpo e da alma através de práticas terapêuticas diversas, onde a música constitui um elo fundamental com o divino. Enquanto religião a jurema é, por vezes, considerada de forma pejorativa como sinônimo de catimbó, baixa magia ou mesmo bruxaria. São também poucas as pesquisas realizadas sobre este culto, se comparado ao extenso número dedicado ao culto aos orixás.

Esta é uma pesquisa que é fruto de 10 anos de trabalho de campo no terreiro de nação Xambá ou *Ilê Axé Oyá Meguê* (Olinda, PE), de que resultam a minha dissertação de mestrado e tese de doutorado (ROSA, 2005 e 2009). A partir da convivência e da observação participante, pude perceber como orixás e entidades da jurema, embora concebidos como muito diferentes, inclusive de diferentes nacionalidades (África e Brasil, respectivamente) transitam num mesmo espaço religioso, com fronteiras estabelecidas, mas também diálogos constantes, e também como as mulheres enquanto lideranças religiosas são empoderadas pelas entidades da jurema na sua atuação religiosa e vida cotidiana. Através da análise de alguns exemplos musicais, discursos e performances, pretendo mostrar um pouco desta relação entre representações de feminino nas músicas e performances das entidades em diálogo com a atuação feminina das juremeiras também relacionada a aspectos referentes à sexualidade.

Referências Bibliográficas

CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro – umbanda: integração de uma religião numa sociedade de classes*. Petrópolis: Vozes, 1978.

ROSA, Laila. *As juremeiras da nação Xambá (Olinda, PE): músicas, performances, representações de feminino e relações de gênero na jurema sagrada*. Tese de doutorado em etnomusicologia. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009. Material não publicado.

_____. *Epahei lansã! Música e resistência na nação Xambá: uma história de mulheres*. Dissertação de mestrado em etnomusicologia. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005.

SEGATO, Rita Laura. "Identidades políticas e alteridades históricas: una crítica a las certezas Del pluralismo global." In: Revista Nuevas Sociedad. No 178. Buenos Aires: 2002. Pp. 104-125.